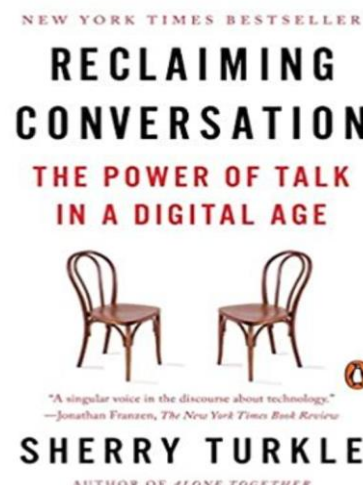


Resenha

TURKLE, Sherry. *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*. Nova Iorque, Estados Unidos: Penguin Books, 2015.

Jones de Sousa¹
Edméa Santos²



O livro *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*, publicado em 2015, é de autoria de Sherry Turkle, uma pesquisadora americana, com Ph.D. em Sociologia e Psicologia da Personalidade pela *Harvard University*. Professora do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e fundadora do *Institute of Technology and Self*, Turkle é uma escritora de sucesso com diversas publicações que abordam a relação da psicologia das relações humanas e a tecnologia. *The Second Self* (1984), *Life on the Screen* (1995) e *Alone Together* (2011) são algumas obras relevantes dessa autora que vem se dedicando há décadas em estudar a relação dos seres humanos com a cultura digital por nós criada.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem, membro do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura (GPDOC), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5427-5785>. E-mail: jonesdesousa@hotmail.com.

² Professora titular-livre da UFRRJ / PPGEDUC / Educação, Ciberultura, Currículos: teorias, práticas e políticas. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4978-9818>. E-mail: edmeabaiana@gmail.com.

Com 436 páginas, este livro, cujo título numa tradução livre poderia se chamar “Recuperando a conversa: o poder da conversa na era digital”, já foi até classificado como um sofisticado livro de auto-ajuda por Jonathan Franzen do New York Times, mas acreditamos estar diante de um verdadeiro estudo etnográfico que descortina uma atual crise de empatia cuja cura seria a conversa.

Dividido em seis partes, a autora parte de uma experiência com crianças em idade escolar que frequentaram um acampamento de verão sem o uso de aparelhos conectados à internet para avaliar a importância da conversa no desenvolvimento da empatia. A organização dessas partes do livro encontra inspiração na seguinte citação de Henry David Thoreau de 1850, disposta na página do sumário: “Eu tenho três cadeiras na minha casa; uma para a solidão, duas para a amizade e três para a sociedade” [tradução nossa].

A primeira parte, intitulada *The Case of Conversation*, livremente traduzida como “O caso da conversa” trata-se de uma introdução a partir da premissa da autora de que quanto mais dependemos da mediação tecnológica para a comunicação, temos cada vez menos chance de ter uma verdadeira conversa, com a devida profundidade que uma interação dessa natureza pode por vezes requerer. Dividida em dois capítulos, enquanto *The Empathy Diaries* apresenta a motivação da produção do livro, *The Flight of Conversation* discorre como a simples presença de um *smartphone* influencia no modo como conversamos. Apresentando o termo *phubbing*, que denomina o ato de manter contato visual com alguém enquanto escrevemos num celular, toda uma teoria sobre a superficialidade que a conversa passou a ter quanto mediada por um *smartphone* ou mesmo quando o aparelho está presente no ambiente de uma conversa presencial é apresentada.

A partir de dados estatísticos como o de que “adultos americanos olham o celular a cada seis minutos e meio” (TURKLE, 2015, p.42, tradução nossa), a autora anuncia o quão a mediação tecnológica pode ser prejudicial para as relações interpessoais.

One Chair é o título da segunda parte e os capítulos *Solitude* e *Self-reflection* delineiam a questão de como podemos nos privar de entender a nós

mesmos dada a incapacidade de ficarmos sozinhos, absortos em nossos próprios pensamentos sem a influência externa da conexão com a internet.

A autora ainda alerta da importância dessa habilidade de auto-conhecimento, pois é condição *sine qua non* para que possamos ser capazes de melhor nos relacionarmos com os outros. Tédio, solidão e espaço mental são considerados pelo estudo como necessários para a construção de identidade, empatia e perspectiva.

A ideia de sempre estar exposto à tentação de preencher esse tempo sozinho consigo mesmo através do uso de mensagens de texto, acesso às redes sociais, serviços de *streaming* e afins se torna um constante movimento de se conectar com o celular para afastar o tédio a todo custo e, conseqüentemente, cria ansiedade quando estamos impedidos de fazê-lo.

Na parte intitulada *Two chairs*, a escolha em dividir em três capítulos *Family*, *Friendship* e *Romance* dão conta de analisar o problema da superficialidade da conversa no âmbito de relações interpessoais que não se pretenderiam superficiais. Partindo da “denúncia” de pais que quebram suas próprias regras e usam indiscriminadamente o celular durante o jantar, por exemplo, a autora enumera outras questões advindas da mediação das conversas de família por mensagens. Atire a primeira pedra quem não brigou com algum parente em algum grupo de família desde a última eleição para presidente.

Há ainda um fatídico anúncio de um jovem de 26 anos chamado Trevor: “Conversa? Isso morreu em 2009.” (idem, p. 137, tradução nossa) que se relaciona com outro relato que narra o seguinte: quando amigos não estão conversando pelo telefone, conversam sobre o que acontece no telefone. O ano de 2009 é o ano da emergência do Facebook, a rede social mais usada no mundo. Este capítulo também dá conta de anunciar um marco geracional da internet compreendido entre 2008 e 2014, uma transição da manutenção dos perfis do Facebook para o consumo efêmero de pequenos vídeos do *Snapchat*.

Quanto ao capítulo intitulado *Romance*, a autora indica que leva sete minutos para determinar onde uma conversa vai dar, mas que a ansiedade de utilizar aplicativos de encontro como o Tinder para ver a numerosa oferta de

pretendentes via de regra inviabiliza esta disponibilidade. A forma como lidar com a existência do celular do(a) companheiro(a) e com as conversas online também são relacionados como novos desafios da era digital.

Em *Three Chairs*, Sherry Turkle aborda escola e trabalho. Apesar do fato de que as faculdades agora oferecem uma enxurrada de opções de aprendizado online, estamos perdendo coisas das salas de aula ao vivo - colaboração real, orientação, atenção profunda. E a autora ainda considera que ser multi tarefa é um mito completo. Estudos mostram que isso nos torna muito menos eficientes. Ter nossos *smartphones* em sala de aula nos deixa distraídos, impacientes e pensando de forma mais superficial. Existem problemas semelhantes no local de trabalho: ninguém está prestando atenção nas tele conferências, ninguém está mais conversando no cafezinho e todos sentem a pressão de estar no sistema de mensagens corporativo e estar disponível online o tempo todo. O resultado não é bom nem para a criatividade e nem para a eficácia.

Apesar de o livro ser de 2015, não é possível deixar de fazer uma comparação com a atuação profissional em 2020 e 2021, no auge das medidas de isolamento no período pandêmico, quando descobrimos a duras penas que não mais trabalhávamos em casa e sim morávamos no trabalho, visto o estado de prontidão permanente que os meios tecnológicos nos proporcionavam. E, ao mesmo tempo, como o engajamento dos alunos nas atividades online era consideravelmente menor em comparação com as atividades presenciais.

The Path Forward, como a própria tradução sugere indica o caminho a seguir, numa esperança de que apesar das muitas “denúncias” que o livro traz, os problemas apontados são relativamente fáceis de remediar. Pois se em apenas cinco dias num acampamento de verão sem *smartphones* já foi possível para as crianças recuperarem traços de empatia que pareciam perdidos, as dicas da autora podem servir para todos nós. São elas:

- Reconheça o quão magnético é o seu telefone;
- Desacelere e invista um tempo para conhecer a si próprio e a sua mente;

- Crie espaços sagrados para conversação (hora do jantar, carro, etc.) e respeire você mesmo às regras;
- *Unitask* em vez de *Multitask*;
- Dê pelo menos 7 minutos para as conversas;
- Fale com pessoas com quem não concorda;
- Pare de pensar nas relações como coisas transacionais a serem "geridas";
- Incline-se para o desconforto - tenha a conversa, mesmo que prefira não;
- Não evite conversas difíceis;
- Evite o pensamento a preto e branco.

The Fourth Chair. Assim a autora encerra o livro. Propondo uma quarta cadeira, uma cadeira filosófica que traz uma pergunta pertinente ao nosso tempo: “O que nós esquecemos quando conversamos com máquinas?” Em 2015, na ocasião da publicação do livro, havia tempo para fazer as correções necessárias e para nos lembrarmos do que somos: criaturas históricas, de psicologia profunda, de relações complexas e capazes de empreender conversas ingênuas, arriscadas e, principalmente, face-to-face. Em 2022, depois de um tempo forçadamente recluso às interações online, isso é possível?

Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age é uma obra necessária para a reflexão sobre o quanto a tecnologia influencia na qualidade das conversas tanto como meio ou mesmo pelo simples fato de ela existir e estar disponível. O quanto isso deve ser levado em conta na produção de dados de pesquisa que utilizam a conversação online para aprendizagem-ensino é um importante questionamento que futuros leitores podem se fazer. E, para além dos pesquisadores, trata-se de um livro recomendável para todos que querem pensar o nosso tempo e as nossas relações cada vez mais mediadas pelo digital em rede.

REFERÊNCIAS

TURKLE, Sherry. *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*.

Nova Iorque, Estados Unidos: Penguin Books, 2015.

FRANZEN, Jonathan. *Sherry Turkle's 'Reclaiming Conversation'*. The New York Times.

Disponível

em

<https://www.nytimes.com/2015/10/04/books/review/jonathan-franzen-reviews-sherry-turkle-reclaiming-conversation.html> Acesso em: 14 jul. 2022.